

"O Falar de Porto Santo na Escrita  
de Francisco de Freitas Branco"

Helena Rebelo

1- A escrita de Francisco de Freitas Branco e o falar de Porto Santo

O título do Colóquio "Escritas do Rio Atlântico" suscitou-me grande interesse quando o vi... Recentemente, descobri um livro sobre o Porto Santo, a "Ilha Dourada" do oceano Atlântico que, em visão microscópica, adquire a espessura de um rio entre duas margens continentais. O autor era, para mim, eu que sou uma continental em permanente descoberta das particularidades do arquipélago madeirense, um ilustre desconhecido.

Quem é Francisco de Freitas Branco? Disseram-me que era madeirense e que já faleceu. Deram-me a informação de que era professor e colaborava nos jornais regionais. Pela leitura do livro descoberto, apercebo-me que era um apaixonado pelo Porto Santo. Recolheu materiais sobre os usos e costumes desta terra paradisíaca do "rio Atlântico", tecendo sobre eles consideráveis reflexões. Organizou-os para uma edição de autor<sup>1</sup> num volumoso livro de 430 páginas, publicado em 1995, que aqui me traz. Esta obra apresenta-se sem prefácio, introdução ou conclusão. Apenas a contracapa contém breves notas que permitem contextualizar e compreender a orgânica desta compilação de 68 textos distintos uns dos outros, mas que convergem por ser o resultado de anos de dedicação do autor. Pelo menos é esta a ideia que dele tenho de momento.

Ao folhear, pela primeira vez, este livro intitulado "Porto Santo. Registos Insulares", a minha atenção recaiu imediatamente na escrita de Francisco de Freitas de Branco, mais propriamente a escrita do falar de Porto Santo que ele empreendeu e tentou justificar. O que é que isto significa? É muito simples: Francisco de Freitas Branco registou, ou melhor, gravou no papel o falar local, adaptando a grafia à oralidade. Nas suas recolhas, entrevistava habitantes nativos cujo falar, repleto de fenómenos linguísticos de supressão ("noneiras" - anoneiras, "más" - mais, "plo" - pelo, "memo" - mesmo), adição ("alinternas" - lanternas, "cúlepa" - culpa) ou alteração ("ê" - eu, "tanho" - tenho, "bua" - boa) de sons, o fascinava e que tentava transpor do gravador áudio para o papel, mantendo-o tal e qual o percebia. Para isso, adaptou a grafia e desviou-se, propositadamente, das convenções ortográficas estabelecidas em gramáticas, prontuários ou dicionários. Aliás, esta forma de proceder é comum em romances ou outro género de obras cuja finalidade é dar um retrato fiel, pelo discurso, de determinada personagem<sup>2</sup>.

Dos 68 textos inseridos na obra, datados de locais, dias e anos distintos, há particularmente três bem curiosos que

<sup>1</sup> - Francisco de Freitas Branco - *Porto Santo. Registos Insulares*, ed. de autor, Porto Santo, 1995

<sup>2</sup> - Cf. Evelina Verdelho - *Linguagem Regional e Linguagem Popular no Romance Regionalista Português*, Instituto Nacional de Investigação Científica e Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, Lisboa, 1982 e M. Rodrigues Lapa - *Estilística da Língua Portuguesa*, 11ª ED. Coimbra Editora, Coimbra, 1984, pp.65-74

chamam a atenção de qualquer leitor que consulte o índice. Despertaram a minha curiosidade, sugerindo-me o tema desta comunicação, por serem dedicados ao falar. Intitulam-se: "Sobre habitantes da ilha: apontamento linguístico", "É tenho esta ideia comeio (crónica literária)" e "Ainda nam teinha trêzianes, comecei cêde: tentativa para reprodução escrita da fala viva"<sup>3</sup>. Além destes três textos (que passarei a identificar como T1, T2 e T3), Francisco de Freitas Branco tem outros onde tece, igualmente, considerações de teor linguístico e mantém a "tentativa para reprodução escrita da fala viva", isto é, de passar para o papel a pronúncia dos falantes, conservando-a até que a tinta e o papel durem e permitindo a reconstrução do falar a partir da escrita.

Quanto ao assunto, os três textos divergem um pouco. T1, com o título "Sobre habitantes da ilha: apontamento linguístico" e datado de Dezembro de 1978, versa sobre as tradições natalícias. Antes de dar início às entrevistas, o autor reflecte sobre questões teóricas que se prendem com a linguística em geral e, em particular, com a sociolinguística. Sendo as tradições de Natal a temática central das entrevistas, surgem em destaque e isoladas numa página algumas quadras - "Dia de Reis na ilha do Porto Santo. Quadras que cantam à porta do visitado" - escritas conforme a norma gráfica corrente<sup>4</sup>. T2, com a indicação espaço-temporal de Serra de Fora, 8 de Outubro de 1986 e intitulado "É tenho esta ideia comeio (crónica literária)", apresenta brevemente Maria Merícia Correia que foi gravada pelo autor enquanto ia expondo opiniões pessoais sobre a realidade social local, regional e nacional. É um texto constituído por duas crónicas. Termina com considerações linguísticas sobre a rejeição das suas próprias transcrições por parte da população em geral. O autor justifica a sua opção, revelando o falar do Porto Santo tal como o capta nas gravações. T3, "Ainda nam teinha trêzianes, comecei cêde: tentativa para reprodução escrita da fala viva", é um texto, datado de Serra de Fora, 14 de Setembro de 1987, e como os anteriores, é introduzido por reflexões linguísticas seguidas da transcrição da narração de uma mulher que conta a sua história de vida decorrida sempre em Santa Maria, no Funchal. Esta pessoa distingue-se dos outros falantes por não ser do Porto Santo, mas identifica-se com eles por ser alguém com pouca escolaridade.

Da leitura dos textos citados, e há outros com estas características, depreende-se a orgânica textual. São compostos, simultaneamente, por duas vertentes bem distintas: uma consiste nas considerações do autor e outra é formada pelas transcrições do falar local. Portanto, a primeira gira em torno do autor, das suas reflexões e da necessidade de justificar a sua opção de transcrição da oralidade, enquanto a segunda está relacionada com os entrevistados, essencialmente populares locais, e as transcrições da "fala viva". Estas duas vertentes alternam em determinadas passagens, porém, é compreensível que o

<sup>3</sup> - O sublinhado não está no original.

<sup>4</sup> - O autor deve ter adaptado o texto já que o povo canta estas quadras e não articula certamente todos os vocábulos conforme estão escritos.

autor introduza quase sempre o texto com a apresentação das suas reflexões e só depois passe para as transcrições que constituem a matéria prima da minha comunicação.

## 2- Problemas teóricos e metodologia seguida

Evidentemente que tanto as reflexões como as transcrições comportam problemas teóricos<sup>5</sup> que não discutirei, mas que se colocam quando se analisa a linguagem, nomeadamente, o problema das relações entre a escrita e a oralidade, entre os grafemas e os sons, o da necessidade ou não de uma gramática descritiva da oralidade, o da urgência ou não de uma reformulação ortográfica, o da primazia de um nível de língua sobre outro, o das relações entre as chamadas "língua culta" e "língua popular", o da adopção ou não de um alfabeto fonético.

Diz-se que apenas a linguagem falada constitui o objecto de estudo da linguística, enquanto a escrita é a representação da oralidade. É, contudo, evidente o distanciamento cada vez maior entre a escrita e a oralidade. Este abismo amplia-se com a alfabetização que leva ao predomínio da grafia sobre a fonia. Nenhum falante alfabetizado questiona o "o" final de "rio" ou "Atlântico" no título escrito deste colóquio, embora saiba que o pronuncia [u] e que existe uma letra ao qual se atribui, em português, esse som que é usado, por exemplo, em "uma" ou "tu". Vista no geral e num plano teórico, a relação entre a grafia e a fonia não é directamente o meu propósito neste momento, o que me interessa é o falar de Porto Santo e, de modo especial, a transcrição gráfica que dele fez Francisco de Freitas Branco, nos textos acima referidos e incluídos na sua obra "Porto Santo. Registos Insulares".

É, portanto, a escrita do falar portossantense proposta por Francisco de Freitas Branco que investigo, sem, contudo, sobre ele emitir juízos de valor. Não pretendo fazer uma avaliação do falar portossantense. Desde que me dedico ao estudo da linguagem, constato que "falar bem" e "falar mal" são apreciações que transcendem o domínio da observação dos factos, sendo apenas este último o meu objectivo. Por conseguinte, limito-me a observar a escrita do discurso dos falantes apresentada pelo autor e questiono-me sobre os factos observados. Trato, exclusivamente, de aspectos relacionados com o som (através evidentemente da sua grafia), mas poderia analisar outros de índole lexical, sintáctico, semântico ou de outra ordem.

A fim de obter os dados necessários à análise, opero do seguinte modo: numero as linhas escritas<sup>6</sup> e assinalo todos os vocábulos que não coincidem com a ortografia regular do português, excluindo na medida do possível as repetições. Registo apenas uma vez os vocábulos repetidamente usados

<sup>5</sup> - José Herculano de Carvalho - *Teoria da Linguagem*, 6ª ed., Coimbra Editora, Coimbra, 1983, vol. I, cap. 11. Herculano de Carvalho desaconselha a reprodução do "diálogo real" pela qual opta Francisco de Freitas Branco.

<sup>6</sup> - Numero as linhas escritas de 5 em 5. A contagem foi feita tendo em conta todas as linhas escritas, o que quer dizer que não foram contabilizados os espaços em branco.

pelos falantes. Constató, por exemplo, que "nãõ", grafado "nan" ou "nam", é frequente e empregue por todos. Obtenho, assim, uma listagem de vocábulos que constitui o corpus deste breve estudo (cf. Anexo).

Uma vez listados, em tabelas e por 'falantes', os elementos dos três textos que não correspondem à norma ortográfica, confronto os dados por falante. Dos sete falantes entrevistados: "Professora", António Rodrigues, Maria José Gonçalves, Amélia de Melim, Pedro Santos, Maria Merícia Correia e "autora de Santa Maria", o primeiro não é considerado por ser uma professora (cf. T1) cujo discurso é transcrito conforme a norma. Há, indubitavelmente, um facto social a influenciar as opções linguísticas do autor. Faço o levantamento dos dados relacionados com duas naturais da Madeira: Maria José Gonçalves (cf. T1) e a "autora de Santa Maria" (cf. T3). Maria José Gonçalves, embora tenha nascido no Funchal e residido em Santa Cruz; foi com o casamento morar para o Porto Santo onde está completamente inserida. A "autora de Santa Maria", sendo da zona de Santa Maria (Funchal), deve permitir evidenciar por oposição, aquando do cotejo entre o falar portossantense e madeirense, as particularidades do falar característico de Porto Santo. Fazendo as contas: a amostra em estudo é extremamente limitada e pode não ser representativa, mas não deixa de constituir uma base de trabalho. Os dados recolhidos resultam do discurso de 6 falantes: 4 no T1 (António Rodrigues, Maria José Gonçalves, Amélia de Melim e Pedro Santos), 1 no T2 (Maria Merícia Correia) e 1 no T3 ("autora de Santa Maria" cujo nome se desconhece), ou seja, 5 portossantenses (4 genuínos porque nascidos no Porto Santo e 1 falso porque madeirense a residir há muitos anos no Porto Santo) e 1 madeirense sem qualquer ligação ao Porto Santo.

Identificados os falantes e feito o levantamento, observados dados das listagens, pergunto-me: Como distinguir as marcas da oralidade comuns a qualquer falante português num registo coloquial e as marcas do falar de Porto Santo? O que distinguirá o falar do Porto Santo e o da Madeira? Quais as particularidades do discurso destes falantes que aqui representam o falar de Porto Santo? O que é que caracteriza este falar na escrita de Francisco de Freitas Branco?

### 3- Análise dos dados

Constató, em traços gerais, que Francisco de Freitas Branco agiu de dois modos relativamente à transcrição da oralidade. De acordo com o primeiro, não alterou a grafia, mantendo uma escrita ortograficamente aceite. Guiado pelo segundo, alterou a grafia, infringindo, propositadamente, as normas ortográficas.

Orientado pelas convenções gráficas, não alterou a grafia quando, por um lado, a pronúncia não diferia da exigida pela norma. Se isso acontecesse, por exemplo, "tem" viria grafado com um ditongo [tãĩ] que corresponde à oralidade habitual desta forma verbal. Conservou, por outro lado, a ortografia quando o falante tinha uma actividade que pressupunha formação académica. Como já referi, no primeiro

<sup>7</sup> - Não analiso o discurso dos falantes identificados como "vozes".

texto, entrevistou uma professora e o discurso dela foi transcrito de acordo com a ortografia comumente conhecida. Além das intervenções desta professora, também o próprio discurso do autor não sofreu alterações, embora haja duas ou três adaptações. Francisco de Freitas Branco questionou os entrevistados e as suas intervenções têm poucas marcas da oralidade. Teve, porém, a ousadia de adaptar, por vezes, alguns segmentos, muito curtos é verdade: "tamém" (37,43)<sup>8</sup>, "prá igreja" (38,27), prá vila (41,31). Se não viesse identificado o autor, haveria certa dificuldade em reconhecer a autoria desta pergunta: "E a casa cuma é quinfiteve?" (36,24).

Pelo contrário, conduzido pela "tentativa para reprodução", alterou a grafia quando falavam populares com reduzida ou nenhuma formação escolar. Foram claras as intenções do autor: quis dar protagonismo à população e passar para o papel a "fala viva". Esta vivacidade do falar, para ele, devia ser, única e exclusivamente, a do povo<sup>9</sup> que é espontâneo, não se preocupando com formalismos e correções linguísticas. Isto trouxe a Francisco de Freitas Branco, que não adoptou os símbolos de um alfabeto fonético e não possuía uma gramática da oralidade, alguns problemas, quer de transcrição, quer de aceitabilidade por parte dos leitores. Aliás, as reflexões que teceu, a anteceder as transcrições ou que se entrelaçam com elas, foram sempre no sentido de justificar perante o público em geral a opção gráfica que fez, ou seja, a de não seguir deliberadamente a ortografia. As reflexões linguísticas de Francisco de Freitas Branco encaminham-se todas no sentido da necessidade de reformular a escrita para captar as "cores" do falar local e individual. Preferiu opor-se aos académicos, para se manter fiel à sua ideia de grafar a fala tal qual ele a captou. Mantém-se fiel ao falar que ele considera vivo e tenta perpetuá-lo, deixando-o escrito.

Raros são os trabalhos, científicos ou outros, dedicados ao falar de Porto Santo. Embora haja algumas referências em certas gramáticas<sup>10</sup>, consideram-se apenas dois os que, explicitamente, o abordam: o de Francis Millet Rogers<sup>11</sup> e

<sup>8</sup> - A numeração (37,43) corresponde respectivamente à página e à linha da ocorrência. Contam-se apenas as linhas escritas e não as que correspondem aos espaços em branco.

<sup>9</sup> - Parece-me problemática a noção de "povo". Em Francisco de Freitas Branco parece corresponder à acepção de "pessoas com reduzida ou nenhuma formação escolar" que se reencontra em Eveline Verdelho, ob. cit., p.97, rodapé (1) "povo, uso o último termo para designar as camadas iletradas da população portuguesa".

<sup>10</sup> - Pilar Vázquez Cuesta e Maria Albertina Mendes da Luz - *Gramática da Língua Portuguesa*, Edições 70, Lisboa, data da impressão 1988, pp.139-142 (Referência específica ao falar de Porto Santo.); Celso Cunha e Lindley Cintra - *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, Sá da Costa, 11ª edição, Lisboa, 1995, pp. 19 (Há uma referência aos dialectos do arquipélago da Madeira, mas nenhum dado específico do Porto Santo.) e Maria Helena Mira Mateus et alii - *Gramática da Língua Portuguesa*, Almedina, Coimbra, 1983, p.29 (Vem citado o Porto Santo, mas as características apontadas remetem para "a ilha da Madeira").

<sup>11</sup> - Francis Millet Rogers - "Insular Portuguese Pronunciation: Porto Santo and Eastern Azores", in *Hispanic Review*, vol. XVI, 1ª, Pennsylvania, 1948, pp. 1-32

o de Maria de Lourdes de Oliveira Monteiro<sup>12</sup>. Distinguem-se ambos tanto pela dimensão, como pelo objectivo. O de Francis Millet Rogers, que é um apontamento, uma breve descrição de características do falar de Porto onde passou apenas uma tarde, é bem mais pequeno que o de Maria de Lourdes de Oliveira Monteiro que é uma dissertação de licenciatura dedicada à etnografia e etnologia, com um capítulo sobre a linguagem. Ambos de finais dos anos 40 do século XX, estes dois trabalhos permitem listar aspectos fonéticos deste falar.

Neste contexto de reduzida investigação, Francisco de Freitas Branco, que passou largos anos na "ilha dourada", tendo nela residido, trouxe um valioso contributo a quem deseje conhecer melhor o Porto Santo em geral (usos e costumes) e especialmente o seu falar. No meu entender, o trabalho deste autor é importantíssimo. Realçou e valorizou o falar de uma população que ele conheceu de perto, lamentando a falta de atenção dada à língua falada que, tudo me leva a crer, para ele se identificava com a língua popular. Tentou mostrar as diferenças entre "língua culta" e "língua popular ou usual", interessando-se mais por esta última. Reafirma-o numa das suas reflexões: "a língua usual é a variante da língua padrão, considerada tal e qual como é falada em certo lugar. (...) A língua culta surgiu graças aos esforços feitos, sobretudo, pelos gramáticos portugueses dos séculos XVI e XVII, ela fixou formas irregulares, inúteis (...) É mais rica e complexa que a língua popular, embora esta conservasse a singularidade, a homogeneidade, o vigor e a candura."<sup>13</sup>

Afinal, foi apenas a língua popular<sup>14</sup> portossantense que Francisco de Freitas Branco transcreveu porque esta guardou "a singularidade, a homogeneidade, o vigor e a candura" da língua do Porto Santo. Já que a transcrição da língua popular de Porto Santo não respeita a norma ortográfica, porque Francisco de Freitas Branco ao representá-la quebrou as convenções, passa a vigorar o predomínio da oralidade. As transcrições devem ser lidas de acordo com o valor que as letras do alfabeto têm e como o autor apresenta os vocábulos escritos, o que não é muito fácil.

Poderia efectuar o levantamento de todos os fenómenos fonéticos presentes nos dados recolhidos, mas como o meu objectivo consiste em encontrar marcas identificadoras e que individualizem o falar de Porto Santo, limito-me a apresentar observações gerais. Opto por expor essencialmente dificuldades de transcrição que assumem diversos contornos. Contudo, não desvalorizo o trabalho de Francisco de Freitas Branco. Pelo contrário, reconheço que este tipo de labor é moroso e nada fácil de levar a cabo. Se, assinalando os pontos negativos, chamo a atenção para as dificuldades é porque estas podem condicionar a interpretação dos dados recolhidos.

<sup>12</sup> - Maria de Lourdes de Oliveira Monteiro - "Porto Santo. Monografia Linguística, Etnográfica e Folclórica", Revista Portuguesa de Filologia, vol. I, t. II e vol. III, 1947-49

<sup>13</sup> - Francisco de Freitas Branco - ob. cit., p.2. O sublinhado não se encontra no original.

<sup>14</sup> - Evelina Verdelho - ob.cit., cap.V, "A. Factos da língua popular do plano fónico", pp.97-108

Uma primeira dificuldade: a fala dos entrevistados é filtrada pela do entrevistador. Sendo este o autor das transcrições é ele o responsável pela apresentação gráfica da pronúncia. O advérbio de negação "não" vem registado como "nan" e "nam". Embora deixe de haver ditongação em ambas as representações (caso contrário o autor não teria nenhuma razão para alterar a grafia, mantendo o ditongo escrito "-ão"), o que poderão representar o "n" e o "m" além da nasalidade da vogal que também poderia vir grafada com "ã"? Logo, este insignificante pormenor demonstra que o autor influenciou, forçosamente, o falar que representa.

Na análise das transcrições, as gralhas, inevitáveis em qualquer impressão, podem induzir em erro e são o motivo da minha segunda observação. Algumas identificam-se facilmente: "E então com é que faziam?" (38,11), onde se lê "com" deveria ler-se "como" e em "Pedro dos Santos - Como é que vinham prá vila?" (41,31), onde se lê "Pedro dos Santos" deve ler-se "autor". Outras haverá, porém, que não se identificam de todo. Além destes dois tipos, há o das gralhas problemáticas que levam a pensar que o falante pronunciou o vocábulo de determinada forma, mas o contexto indica que só pode ser uma gralha "sobra" por "sogra" (36,5), "apeis de cores" em vez de "papéis" (39,42), e "orabem" (40,25) por "Ora bem" (40,24). Em alguns casos e já que não tenho acesso às gravações áudio do autor para inferir dados, ficará sempre a pergunta: Será devido à pronúncia do falante ou é apenas uma gralha, uma falha de transcrição, de impressão? Assim sendo, tenho de estar duplamente atenta porque sou confrontada com uma nova grafia para o português e esta pode estar infectada de gralhas não controladas pelo autor como sucede em qualquer obra.

Outro problema prende-se com a flutuação, isto é, com a variedade de pronúncia por parte do falante. Assim, aparecem grafados de forma diferente os mesmos vocábulos, o que dá a entender que há flutuação na pronúncia dos falantes, veja-se a título exemplificativo: "trê dias" (32,33/34) e "três dias" (32,37); "miséra" (34,8) e "miséria" (34,13), "mê" (35,17) e "meu" (35,22), "ande" (35, 3) e "inda" (35, 7) para "ainda", "aleveia" (270, 24) e "alevia" (270, 25) para "alivia", "miudas"<sup>15</sup> (272, 19) e "meiudos" (272, 20), "creianças" (273, 31) e "crianças" (273, 31), "seisto" (274, 3) e "sisto" (274,7) para "se isto". Querirá isto dizer que o falante pronuncia efectivamente de diversas formas, dizendo-as, por vezes, quase de seguida: "ponham" (punham) (36,27), "pounha-se" (punha-se) (36,28) e "punha"-se (36,30), "Reis" (39,36) e "Reises" (39,39), "coaquelas" (com aquelas) (40,1) e "cò aquelas" (com aquelas) (40,4)? Subsiste a dúvida destas flutuações se ficarem a dever aos falantes ou a possíveis gralhas.

Um quarto problema pode designar-se por polimorfismo com influências fónicas. Há elementos como, por exemplo, as preposições "com" e "para" que surgem transcritas de diferentes formas, devido aos elementos que os seguem e com os quais, normalmente se combinam, fazendo com que um mesmo vocábulo tenha múltiplos significantes. Faço apenas o levantamento da variação de significantes de "para" nos três

<sup>15</sup> - Sem acento gráfico.

textos - "pá" (para a), "pró" (para o), "pó" (para o), "prá qui" (para aqui), "pra" (para), "pra outro" (para o outro), "pa" (para), "pó oferecer" (para oferecer), "pó ferecer" (para oferecer), "prás" (para as), "pá ei" (para aí), "pá quei" (para aqui), "prá i" (para aí), "pa sei" (para si), "pa eisto" (para isto), "pósomens" (para os homens), "pó pé" (para o pé), "pás" (para as). Salta à vista a riqueza de formas e tornam-se claras as dificuldades que poderão complicar a escrita e a fonia.

Uma outra dificuldade pode parecer irrelevante, mas tem a ver com uma opção do autor difícil de explicar. Para quem pretende passar para a escrita a oralidade, é algo incongruente manter uma letra como o "h" que, quando não está inserido num dígrafo, não se pronuncia, mas o autor opta por mantê-lo: "que há" (34,20), "hábite" (36,5), "há" (274,21).

Para finalizar este levantamento das dificuldades que podem condicionar a interpretação dos dados, apresento uma escolha gráfica de Francisco de Freitas Branco que deixa algumas dúvidas já que a ideia geral parecia ser a de não alterar o segmento que é pronunciado como habitualmente. Por que terá optado o autor por grafia diferente, mudando uma letra por outra ou outras, quando a letra convencionalmente usada corresponde ao som? Por que grafar "eçes" (34,25) em vez de "esses" que usa na mesma linha (34,25)? Por que grafar "assúcaro" (39,7) com "ss" se o "ç" serviria perfeitamente? Por que grafar "Cê-é-é" (274, 42) quando a sigla "C.E.E." tem essa leitura? Resta saber qual a necessidade de escrever de forma diferente "mûita" (274,40) já que se pronuncia com vogal nasal.

Estas observações permitem comprovar que, para Francisco de Freitas Branco, o falar de Porto Santo é, efectivamente, vivo e diversificado. Excluídas as gralhas, o polimorfismo mostra a sua variedade, a sua diversidade, e as flutuações a sua vivacidade. As constatações anteriores não permitem, no entanto, nem evidenciar as características identificadoras do falar de Porto Santo, nem saber o que distingue a língua popular nacional ou regional da falada no Porto Santo.

Nos textos em análise, não encontro nenhuma característica que possa identificar por si só o falar de Porto Santo. Se a investigação incidisse no léxico, se fosse esse o objectivo do meu trabalho, poderia salientar, para individualizar o falar de Porto Santo como "brindeiro" (pequeno pão), "escrapiadas" (bolo de milho), "cabrinhas" (planta: feto vulgar) ou um bolo conhecido por "rosquilhas" (sic), mas mesmo assim teria algumas dificuldade em comprovar a afirmação já que estão assinalados na obra "Falares da Ilha" de Abel Marques Caldeira sem referência ao local onde foram registados podendo ser comuns a outras partes do arquipélago. A nível morfológico, se também fosse esse o âmbito da minha análise, poderia verificar o uso reiterado de diminutivos ("vinhinhos", "carninha", "arranjadinho", "escadinha", "desgadinhas", "bolinhas", "searinhas", etc.), mas haveria que sublinhar que se encontra também em largo número em T3 no falante de de Santa Maria, Funchal. De todos os falantes, é até quem mais os usa. O meu estudo é de carácter fonético e o aspecto mais recorrente que destaco, sendo por isso mesmo o mais característico, mas não o que identifica, por

si só, é o grande número de elementos com vogal final [ ]<sup>16</sup> quer por paragoge: "senhore", "doutore", "Portugále", quer por transformação do ditongo final grafado "-am" nas formas verbais onde o ditongo nasal não se realiza: "matave" (matavam), "agarrave" (agarravam), "deitave" (deitavam)<sup>17</sup>, quer pela evolução de "-em": "image" (imagem), "abrisse" (abrissem), "ficáre" (ficarem), quer pela evolução de "-o", [u] final: "arque" (arco), "hábite" (hábito), "filhe" (filho). Se o falar de Porto Santo parece caracterizar-se pela terminação em [ ], não posso dizer que este fenómeno por ser frequente é o que o individualiza.

Sintetizando, concluo, por um lado, que, na escrita de Francisco de Freitas Branco como em alguns escritores<sup>18</sup>, a tónica que inicialmente me parecia centrada na reprodução da fala viva, na oralidade em geral, desloca-se unicamente para a representação gráfica do falar popular e, por outro lado, que, na escrita de Francisco de Freitas Branco, a confrontação dos dados em análise não permite reconhecer as particularidades fonéticas exclusivas do falar de Porto Santo.

---

<sup>16</sup> - Cf. Pilar Vázquez Cuesta, ob. cit., p.54 vogal paragógica [ ] e p.55 desnasalização -em > -e.

<sup>17</sup> - Os falantes revelam alguma flutuação, eis exemplos de dois falantes. Amélia de Melim usa "compravam" e "comprave" (37,31 e 32). Conjuga os verbos devidamente "faziam pão, amassavam" (36,19) e não o faz em outros momentos "amassave" (amassavam), "pintave" (pintavam) (37, 8 e 9). Pedro dos Santos parece também baloiçar entre as duas terminações verbais: "Varriamos (...), mandave buscar doces e vinho, punham a mesa, a gente tocava e bailava-se" (41,17/18 e 19). A dificuldade em identificar o sujeito de "mandave" é incontestável. Este problema repete-se: (41, 21 e 22) "eles iam(...), fechave a porta, apagave a luz, a gente ia, chegava-se lá cantava-se (...)", (42, 25 e 26) "Havia deles que voltave pra trás. Vestia-se de branco, jogava-se no meio do caminhe...".

<sup>18</sup> - cf. A título de exemplo, no arquipélago, a obra de Horácio de Bento Gouveia onde se encontra a reprodução escrita do falar popular da ilha da Madeira. Este exercício é reencontrado em alguns escritores nacionais.

## Anexo

Por ordem de ocorrência, lista de vocábulos que não estão escritos conforme a norma do português padrão e outros, por exemplo diminutivos (dim.) que chamam a atenção.

### Texto 1 "Sobre habitantes da ilha: apontamento linguístico"

António Rodrigues	eçes (esses)
pessauas (pessoas)	cacabáre (que acabaram)
nan (não)	o seu triguinhos - dim (acordo)
quí (que)	caparéce (que aparece)
eles usave (usavam)	caparecia (que aparecia)
trê dias (três dias)	quir (que ir)
deziám (diziam)	pulvilhe
pá Festa (para a Festa)	se alimentar (salimentar)
matave (matavam)	cuma (com uma)
dupois (depois)	siquer (sequer)
agarrave (agarravam)	vinhinho - dim
deitave (deitavam)	pãozinho - dim
uns dente dalho	camassave (que amassava)
fazie (faziam)	carninha - dim
inté (até)	fazie (fazia)
quera (que era)	tinhe (tinham)
quavia (que havia)	chamave (chamavam)
ie (iam)	images (imagens)
ficavom (ficavam)	da gente todos (acordo)
usave (usavam)	arranjave (arrajavam)
barrilinhos - dim.	arranjadinho - dim
punhe (punha)	bonequinhos - dim
vinhinhos - dim.	fermaturas
pró (para o)	cuma (como)
começave (começava)	vinhe (vinham)
amassave (amassava)	vesitas (visitas)
cavia (que havia)	chamave (chamavam)
fizere (fizera)	vezinhos (vizinhos)
cagora (que agora)	vesitave-se (visitavam-se)
co (que o)	brincave (brincavam)
teinha (tenha)	copito - dim
ó (ou)	passave (passavam)
quisto (que isto)	muite (muito)
miséra (miséria)	vinha gentes (acordo)
memo (mesmo)	vesitave (visitavam)
pocachinho - dim.	algrias (alegrias)
caparece (que aparece)	sastefeitos (satisfeitos)
más (mais)	passave (passavam)
deixe (deixam)	Ande (ainda)
cos (como os)	use cumao (usam como o)
pó (para o)	dize (dizem)
queles (que eles)	comece (começam)
vai (acordo- vão)	veelhos (velhos)
tá (está)	quinsiste (que insistem)
in (em)	inda (ainda)
mandave (mandavam)	deixe (deixam)
tamém (também)	prumeiro (primeiro)
querie (queriam)	há-se-de
levantave-se (levantavam-se)	semos (somos)
amassave (amassavam)	
tirave (tiravam)	M <sup>a</sup> José S. Gonçalves
alimuntal (alimental)	prá qui (para aqui)
auga (água)	inda (ainda)
ére (eram)	mesinha - dim
salimentave (se alimentavam)	tanhe (tenho)
alimuntados (alimentados)	pra (para)
co (com o)	fazie (fazia)
ca (que a)	prá qui cua (para aqui com a)
calhave (calhavam)	vinte anes (vinte anos)
andave (andavam)	

Texto 1 "Sobre habitantes da ilha: apontamento linguístico"  
(continuação)

mê (meu)	pra outre (para o outro)
carranjou-a (que a arranjou)	trige (trigo)
casinha - dim	rochinha - dim
tempe (tempo)	co (com)
antão (então)	cedres (cedros)
dezia (dizia)	fazeia (fazia)
tode (todo)	asseim (assim)
inteire (inteiro)	arque (arco)
dupois (depois)	bolinhas - dim
repartide (repartido)	hábite (hábito)
ponha (acordo: punha)	ca (que a)
escadinha - dim	sobra (gralha-sogra)
fazeiam (faziam)	dezia-se sim (dizia assim)
Menine (Menino)	sôgre (sogra)
más (mais)	tamém (também)
velha (velha)	darmar (de armar)
queu (que eu)	senhore (senhor)
filhe (filho)	doutore (doutor)
co (com o)	meséria (miséria)
dinheire (dinheiro)	co (com)
carrecebi (que recebi)	filhes (filhos)
Campanárie (Campanário)	qui (que)
cos (com os)	queu (que eu)
mês (meus)	sumana (semana)
quande (quando)	dês (Deus)
ê (eu)	havera (gralha-haverá)
veim (vim)	conselhe (conselho)
boles (bolos)	
Quiles (quilos)	Amélia de Melim
luvava (levava)	tá (está)
quantos (quantos)	brauas (broas)
óves (ovos)	quas (que as)
dassúcare (de açúcar)	rosquilhas
ó (ou)	avezinha - dim
pôste (posto)	coisinha - dim
aquile (aquilo)	darroz (de arroz)
muite (muito)	ca (que a)
destar (de estar)	pó (para o)
tendida (estendida)	co (com)
tire (tiram)	ponham (punham)
pedacinhe - dim (pedacinho)	brindeiros
cuma (como)	pounha-se (punha-se)
delgadinhas - dim	cabrinhas do Pico - dim
cande (quando)	quera (que era)
faze (fazem)	ó (ou)
tava (estava)	resquilhinhas (rosquilhinhas)
pró (para o)	peros (maças)
forne (forno)	velinhas - dim
Fermente (fermento)	palinhas - dim
mesme (mesmo)	pessaua (pessoa)
dezeia (dizia)	pa (para)
cás (que às)	queles (que eles)
coisinha - dim	tá (está)
milhe (milho)	tamém (também)
cumaqui (como aqui)	bailhe (baile)
faze (fazem)	Nan (não)
escrapiadas	ovelhinhas - dim
nan (não)	vaquinhas - dim
formente (fermento)	quíam (que iam)
faze (faz)	amassave (amassavam)
asseim (assim)	pintave (pintavam)
coiseinha (coisinha)	Tamén
aquile (aquilo)	róchinhas - dim
pedacinhe-dim (pedacinho)	soquinhas
	ròchina - dim

Texto 1 "Sobre habitantes da ilha: apontamento linguístico"  
(continuação)

senhara (senhor)	assúcaro (açúcar)
pastorinhos - dim	óves (ovos)
tá (está)	aospois (depois)
tamém (também)	pugave (pegava)
bailhe (baile)	amassave (amassavam)
Nan (não)	abafave (abafavam)
ovelhinhas - dim	primeire (primeiro)
vaquinhas - dim	qué (que é)
quiam (que iam)	más (mais)
amassave (amassavam)	escrapiadas
pintave (pintavam)	escrapiadinhas - dim
Tamén	prá queles (para aqueles)
róchinhas - dim	diazinhos
soquinhas	(diazinhos) - dim
ròchina - dim	cuazeite (com o azeite)
senhara (senhor)	chicharrinho - dim
ao depois (depois)	arranjave (arranjavam)
compravom (compravam)	Quer-se dizer (ou seja)
forravom (forravam)	durave (duravam)
comprave (compravam)	teinho (tenho)
epois (e depois)	crauas (coroas)
tude (tudo)	queu (que eu)
auga (água)	quera (que era)
bròchinha - dim	dupois (depois)
memo	Reises (reis)
ponham (punham)	arranjare (arranjar)
acima (em cima)	cuma (com uma)
searinhas	quisto (que isto)
deitar (...) de molho (molho)	tude (tudo)
tárem (estarem)	guarnecide (guarnecido)
bauas (boas)	fardamenta
de primeiro (antigamente)	co (com)
ensaiave (ensaiavam)	coaquelas (com aquelas)
coas (com as)	co aquelas (com aquelas)
vestidas (...) em anjes (anjos)	jinelas
fingeiam (fingiam)	pois (depois)
igreja (igreja)	cumo (como)
charolas	veinho (venho)
luvavam (levavam)	vezinho (vizinho)
semilhas (batatas)	co mabra (que me abra)
Pó oferecer (para oferecer)	tou (estou)
cuaquela (com aquela)	orabem (ora bem)
com de tudo (com tudo)	Eu inda me lembra
cavia (que havia)	sêre (serem)
levave (levavam)	Antóne (António)
entrave (entravam)	Arnesto (Ernesto)
cuaquilo (com aquilo)	chamave (chamavam)
luvavom (levavam)	quele (que ele/porque ele)
pó ferecer (para oferecer)	ajuntave (ajuntavam)
espois (e depois)	tamém (também)
prás (para as)	quêles (que eles)
qua (que a)	contave (cantavam)
fritave (fritavam)	dalgodão (de algodão)
pedacinho - dim	levave (levavam)
a sua coisinha de café - dim	<u>aqueles coisas</u> de papel
ponha-se (punha-se)	coas (com as)
jantarzinho - dim	quêles (que eles)
e pois (e depois)	destinave (destinavam)
Antão (então)	pessauas (pessoas)
naltura (na altura)	deziã (diziam)
tava-se (estava-se)	chegave (chegavam)
bobia-se	trancave-se (trancavam-se)
vinhinho	estave (estavam)
coa (com a)	tinhe (tinham)
deitave (deitavam)	mai (mais)

Texto 1 "Sobre habitantes da ilha: apontamento linguístico"  
(continuação)

deixave-se tar (deixavam-se estar)	mandave (mandavam)
cantave (cantavam)	pa (para)
<u>bastante de cantigas</u>	Mesme (mesmo)
carranjava (que arranjava)	tude (tudo)
Tinha <u>um poder de cantigas!</u>	Vanhe (venham)
dezia (dizia)	pra (para a)
banques (bancos)	fechave (fechavam)
Prêtes (Pretos)	apagave (apagavam)
Branques (Branços)	a gente começa-se
vames (vamos)	nan (não)
questa (que esta)	case tude (casa tudo)
Quande (Quando)	quêles (que eles)
abrie (abriam)	tão (estão)
arranjave (arranjavam)	<u>quando era nesse tempo dagora</u>
uma alinternas (umas lanternas)	(de agora)
trazie (traziam)	prás (para as)
cantave (cantavam)	outrés (outros)
quera (que era)	escorregave (escorregavam)
Quinsináve (que ensinavam)	caíe (caíam)
pra se divertire (divertir)	vinhe (vinham)
co aquelas (com aquelas)	Cantave (cantavam, cantava-se)
tomave (tomava)	Tave (estavam)
	Tocave (tocavam)
Pedro dos Santos	dentre (dentro)
A gente levava-se uma vassoura	punhe-se (punha-se)
coa (com a)	caminhe (caminho)
ca (que a)	voltave (voltavam)
queles (que eles/ para que eles)	quera (que era)
eles abrisse (abrissem)	pronte (pronto)
deixave (deixavam)	iste (isto)
abrie (abriam)	terrinha - dim
cantinhês (cantinhos)	quisto (que isto)
todes (todos)	calquer (qualquer)

Texto 2 "Ê tanho esta ideia comeio (crónica literária)"

Maria Merícia Correia	sofrêre (sofrer)
"Estas meneinas dagóra"	sês (seus)
Ê (eu)	daparecêre (de aparecer)
tanho (tenho)	eisso (isso)
comeio (comigo)	naturále (natural)
eisto (isto)	osomens (os homens)
quentrar (que entrar)	simportam (se importam)
i (e)	le (lhes)
deia à deia (dia a dia)	sofrêre (sofrer)
nam (não)	pá ei (para aí)
sêre (ser)	áre (ar)
bocadeinho (bocadinho)	feilheinhos provêtas (bebês proveta)
rigôre (rigor)	deveiam (deviam)
aleveia (alivia)	pósomens (para os homens)
alevia (alivia)	expriméntáre (experimentarem)
meneinas (meninas)	ûma (uma)
dagóra (de agora)	baua (boa)
quále (qual)	abacháre (abaixar)
pombeinhos (pombinhos)	praua (proa)
inda (ainda)	fazêre (fazer)
beijinhos - dim	sês (seus)
sei (si)	morrêre (morrer)
pa (para)	bões (bons)
têre (ter)	acontecêre (acontecer)
feilheinhos (filhinhos)	meinha (minha)
Coitade (coitadas)	eisto (isto)
rapareias (raparigas)	queu (que eu)
qué que (que é que)	dizêre (dizer)
feicam (ficam)	feilho (filho)

Texto 2 "Ê tanho esta ideia comeio (crónica literária)"  
(Continuação)

cas (que as)	prou (por)
fazêre (fazer)	i prou (e por)
cúlepa (culpa)	co (que o)
questá (que está)	istado (estado)
acontecêre (acontecer)	a (à)
sofrêre (sofrer)	prá i (para aí)
istá (está)	mûitos (muitos)
perdeido (perdido)	quére (querem)
enlouquecêre (enlouquecer)	pa sei (para si)
casteio (castigo)	paréce (parecem)
pense (pensam)	comelões (comilões)
qui (que)	tão (estão)
Deveiam (deviam)	gôrdos (gordos)
puneidos (punidos)	cumo (como)
eire (eram)	pórcos (porcos)
ei (e)	ê (eu)
leváre (levar/levarem)	podeia (podia)
ficáre (ficarem)	mudáre (mudar)
iscaldados (escaldados)	barreigudos (barrigudos)
andáve (andavam)	treitos e rebetáre (rebetarem)
más (mais)	feicando (ficando)
dizêre (dizer)	deinheiro (dinheiro)
senhôre (senhor)	pensáre (pensar)
corrigeire (corrigir)	eisso (isso)
algûmas (algumas)	levantáre (levantar)
quére (quer)	quêles (que/porque eles)
féis (fiz)	tem (gralha- têm)
deisse (disse)	cabêlo (cabelo)
tá (está)	pintiáre (pentear)
deito (dito)	sêles (se eles)
caquí (que aqui)	pensásse (pensassem)
sabeia-as correigeire (sabia corrigi-las)	creianças (crianças)
lêre (ler)	láre (lar)
escrevei (escrevi)	feicáre (ficarem)
pá quei (para aqui)	inté (até)
aquei (aqui)	eie (iam)
ficoue (ficou)	encabeláre (encabelar)
escreito (escrito)	lia (lhes ia/ os ia)
miudas (gralha- miúdas)	recompensáre (recompensar)
mescrevem (me escrevem)	ós (os)
gravadóre (gravador)	laumentásse (lhes aumentassem)
meiudos (miúdos)	chegáre (chegar)
vão (vão)	na feim (no fim)
	pagáre (pagarem)
	auga (água)
"crónica lírica do dia-a-dia"	pa eisto (para isto)
dóvire (de ouvir)	capretáre (que apertar)
dize (dizem)	barreia (barriga)
istou (estou)	o vestire (o vestir)
todo (gralha- tudo)	calçare (calçar)
quére (querem)	compráre (comprar)
intende (entende)	seisto (se isto)
faláre (falar)	asseim (assim)
adeveinha (adivinha)	andáre (...) à pavana
mandáre (mandar)	Dês (Deus)
paeis (país)	quistá (que está)
si (se)	más (mais)
pra (para)	deia a deia (dia-a-dia)
baxo (baixo)	aumentáre (aumentar)
ceima (cima)	sisto (se isto)
sêle (se ele)	asseim (assim)
conciência (consciência)	ondé (onde é)
istragáre (estragar)	quisto (que isto)
ca (com a)	paráre (parar)
	dáre (dar)

Texto 2 "Ê tanho esta ideia comeio (crónica literária)"  
(Continuação)

roubáre (roubar)	quéra (que era)
melhóre (melhor)	eim (em)
pensáre (pensar)	sei (si)
vêre (ver)	à (é)
questão (que estão)	sêste (se este)
êrrados (errados)	ó (ao)
chegáre (chegar)	pôre (pôr)
dormire (dormir)	salváre (salvare)
discansados (descansados)	sâste (se este)
fervêre (ferver)	fôre (for)
auga (água)	ficáre (ficar)
freia (fria)	nadáre (nadar)
ele dére (ele der)	mûita (muita)
vazeia (vazia)	Portugále (Portugal)
dôs (dois)	tá (está)
deias (dias)	Cê-ê-ê (C.E.E.)
pensáre (pensar)	ajudáre (ajudar)
garages (garagens)	confeio (confio)
guardáre (guardar)	eisso (isso)
jardeins (jardins)	isperáre (esperar)
passeiáre (passear)	disculepáre (desculpar)
inganei-me (enganei-me)	

Texto 3 "Ainda nam teinha trêzianes, comecei cêde: tentativa para reprodução escrita da fala viva" (Funchal)

"autora" de Santa Maria	pra (para)
Trienta e ûe (trinta e um)	comêre (comer)
mê (meu)	terreina (terrina)
nam (não)	dezeia (dizia)
trêzianes (treze anos)	asseim (assim)
cêde (cedo)	quisêre (quiser)
tudo dezeia (dizia)	más (mais)
quia (que ia)	áre (ar)
mulhére toire	pa (para)
Eles dezeie (diziam)	deitáre (deitar)
sêre (ser)	quisêre (quiser)
Fró (para o)	vanha (venha)
queu (que eu)	buscáre (buscar)
Ê (eu)	dezeie (diziam)
tacinha - dim.	comêre (comer)
laite (leite)	cuma (como)
pá (para a)	saeia-se (saía-se)
iscola (escola)	bananinha -dim
carteirinha - dim.	perinha -dim
òspício (hospício)	davá (dava à)
porcausa (por causa)	dáre (dar)
cum (com)	quartinhe - dim
compráre (comprar)	dezeia (dizia)
nòvóras (nove horas)	coisinha - dim
chegavà iscola (à escola)	tivêre (tiver)
celes (que eles)	coitadinha - dim
cozeie (coziam)	tanha (tenha)
deitave (deitavam)	aquêla (aquela)
aquele (aquilo)	darroz (de arroz)
proco (pouco)	plo (pelo)
mandáve (mandavam)	im (em)
muite (muito)	trótuáre (trottoire)
com gôste (gosto)	dóreilhas (de orelhas)
más (mais)	ca (que a)
terrineinha (terríninha)	baxo (baixo)
piqueneinha (pequenina) -dim	tiatro (teatro)
caquêla (que aquela)	Municipále (Municipal)
panelinha -dim	tinua (tinha)
questáacolá (que esta acolá)	o comêre (comer)

Texto 3 "Ainda nam teinha trêzianes, comecei cêde: tentativa para reprodução escrita da fala viva" (Funchal) Continuação

baua (boa)	mále (mal)
pônha-me (punha-me)	bebêres (beberes)
coa (com a)	tante (tanto)
cos (com os)	pra que (por que)
tanho (tenho)	vêzêzes (vezes)
fôme (fome)	ó (ou)
Sêle (se ele)	trê (três)
ómelête (omelete)	quê (o quê)
dezeia ((eu) dizia)	comêre (comer)
aquile (aquilo)	aquile (aquilo)
dezia ((ele) dizia)	iscola (escola)
qué (que é)	pó (para o)
quére (quero)	ére (era)
bolinho - dim	àscoito (às cito)
emprêgo (emprego)	fogôoes (fogões)
si (se)	quére (que eram)
vaia ali (vai ali)	pôre (pôr)
pó pé (para o pé)	pro baxo (por baixo)
bocadinho - dim	aquêle (aquele)
patinhos - dim	açúcare (açúcar)
tásali (estás ali)	dentre (dentro)
bocadinho - dim	abérte (aberto)
depês (depois)	flore (flor)
podeia (podiam)	loureinhe -dim
andáre (andar)	chegavà (chegava)
les (lhes)	tocáre (tocar)
fazie (fazia)	ninhûe (nenhum)
mále (mal)	daquile (daquilo)
quére (que era)	leváre (levar)
tava (estava)	pôge (pões)
cando (Quando)	ólhare (olhar)
quéra (que era)	pás (para as)
favôre (favor)	táre (estarem)
vá simbóra (se embora)	elas pode dezêre (podem dizer)
co (com o)	vás dáre ólhade
bequinho (beco) - dim	ânes e meie (anos e meio)
menine (menino)	Imperiale (imperial)
veja (veja)	quiige (quis)
tanhe (tenho)	fazende (fazendo)
vezinhas (vizinhas)	vende (vendo)
moráve (moravam)	tinhaiguma (tinha alguma)
quére (que eram)	Ferreires (Ferreiros)
pobrezinhas - dim	depôs (depois)
érom (eram)	Táve (estava)
moito (muito)	táva. (estava)
hôme (homem)	comende (comendo)
didade (de idade)	impregada (empregada)
ceinco (cinco)	brincáre (brincar)
seu (se eu)	casáre (casar)
co (que o)	trêzianes (treze anos)
comêre (comer)	feites (feitos)
feite (feito)	vinte sêtanês (vinte e sete anos)
pequênas (pequenas)	po (por)
meióre (maior)	misquêce (me esquece)
caquéla (que aquela)	dáre (dar)
cavia (que havia)	Fômes (fomos)
cumo (como)	saes (seis)
teilha (telha)	valha (velha)
cafée (café)	ficande (ficando)
augüentava (aguentava)	tantes (tantos)
láre (lar)	filhes (filhos)
sequêre (sequer)	coitade (coitada)
buscáre (buscar)	pagáre (pagar)
ca (com a)	plos (pelos)
isse (isso)	Càlà boca (cala a)

Texto 3 "Ainda nam teinha trêzianes, comecei cêde: tentativa para reprodução escrita da fala viva" (Funchal) Continuação

tás (estás)	dite (dito)
pagande (pagando)	Côsas (coisas)
pôre (pelos)	même (mesmo)
morrêre (morreram)	espalho (espelho)
tôdes (todos)	vêre (ver)
vás (vais)	seu (se eu)
simporte (se importe)	chórare (chorar)
tou (estou)	tá (está)
dezeno (dizendo)	vende (vendo)
Estreite (Estreito)	mêde (medo)
Cambra (Câmara)	múlhere (mulher)
Lôbes (Lobos)	pouque (pouco)
casáre (casar)	servire (servir)
maríde (marido)	sentáre (sentar)
aum (a um)	noneiras (anoneiras)
lugáre (lugar)	dentre (dentro)
vcue (vou)	encostadinha - dim
tapôna (tapona)	chegue (chegou)
batêre (bater)	questava (que estava)
vai tôdes (todos/as)	dromindo (dormindo)
garôta (garota)	inda (ainda)
porqui (porque)	piquêna (pequena)
beliscande (beliscando)	Ande (anda)
sabêre (saber)	damuada (de amuada)
dizêre (dizer)	levantade (levantado)
antão (então)	vives (vivos)
lence (lenço)	daquêles (daqueles)
dêsse (desse)	vergoões (vergoões)
pônha-te (punha-te)	almoçare (almoçar)
ande (andam)	vaias (vais)
dizêres (dizeres)	pensáre (pensar)
isse (isso)	piquêna (pequena)
tans (tens)	Qualquêre (qualquer)
denheiro (dinheiro)	áre (ar)
cipoé (cipó)	rachoue (rachou-o)
vêre (ver)	comproe (comprou)
lavage (lavagem)	dôs (dois)
ninhum (nenhum)	Sê (se eu)
ouire (outro)	crêre (crer)
tualéte (toilette)	partire (partir)
espalhe (espelho)	quias (que ias)
sáes (sais)	tempes (tempos)
Quintále (quintal)	sabêre (saberes)